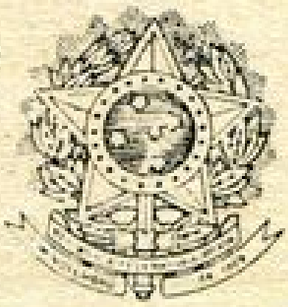
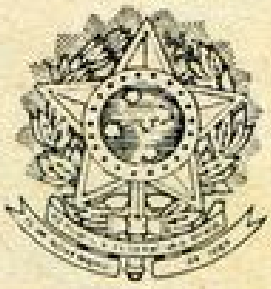


Senador EVANDRO CARREIRA

AMAZÔNIA ENVENENADA PELA DIOXINA

BRASÍLIA — 1977

SEC-39592
-14341-



Senador EVANDRO CARREIRA

AMAZÔNIA ENVENENADA PELA DIOXINA

BRASÍLIA — 1977

pmm 148

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO PRIEGUE MONTEIRO

Ainda estamos vivendo sob a auréola do Dia ou da Semana da Árvore. Embora ele tenha ocorrido a 21 de setembro próximo passado, ainda estamos sob o influxo daquele símbolo que a árvore representa. Ao reverenciarmos esse dia, quando todos os ecologistas brasileiros se debruçam com ansiedade à procura de um caminho que viesse conscientizar a Nação brasileira para a responsabilidade da preservação da floresta, e, por conseguinte, da árvore, foi o *Correio Braziliense* que, com muita propriedade, lembrou o Padre Antonio Vieira e James Joyce, na oportunidade em que se comemorava o Dia da Árvore. Merece referência a lembrança oportuna e sábia do *Correio Braziliense*. Disse ele, no dia 21 de setembro:

> "Pela alvorada da árvore. Não que o plantio em massa venha a "salvar" o mundo."

Gostaria de fazer uma leve digressão em torno desta assertiva: "Não que o plantio em massa venha a salvar o mundo".

Talvez. Talvez, se o homem se preocupasse em plantar árvores em massa, se o homem se preocupasse em recuperar todas aquelas áreas que foram desertificadas, tal-

vez essa preocupação o libertasse dessa corrida desenfreada para um *desideratum* que ele chama de progresso: um suposto progresso, porque, até hoje, ninguém pode afirmar, com segurança, que estamos caminhando, verdadeiramente, para um autêntico progresso. Talvez plantando árvores, árvores em profusão, o homem caísse em si e entrasse novamente em sintonia com a força cósmica que construiu esse cosmos e esse planeta e lhe deu, como base de sustentação, a árvore.

Mas, prossegue o *Correio Braziliense*:

> "A conscientização do "verde" deve vir acompanhada de medidas concretas na área político-econômica visando o planejamento industrial, 21 de setembro, simbólico dia da árvore. A embriaguez do lucro imediatista embruteceu a sensibilidade para a função das florestas. Não é um apelo romântico. É questão de sobrevivência. Elas assimilam o dióxido de carbono, favorecem as pesquisas farmacológicas, possibilitam chuvas, suavizam o impacto dos ventos, conservam os solos, alimentam os animais, limpa, regula e distribui a qualidade de nossa água potável. No Brasil até 1955, 40% das florestas foram devastadas. Dois tratores ligados entre si por uma corrente de 100 metros de extensão devastam 50.000 m² de mata em 90 minutos."

Agora, vem a citação do Padre Antônio Vieira e a de James Joyce.

> "Cede-me como experimentado, que mais haveis de aprender nos bosques que nos livros", Pe. Antônio Vieira."

Esta expressão, do maior orador que a Língua Portuguesa já conheceu, o Padre Antônio Vieira, cai como uma verdadeira proferida. Ao lê-la e ouvi-la, pressentimos o sentido profético da expressão. Mestre Antônio Vieira quer dizer que na floresta há muito mais a aprender do que nos livros.

Vejam, Srs. Senadores, palavras proferidas há mais de trezentos anos, em 1600 e tal, e hoje vestem, com absoluta propriedade, o momento histórico em que vivemos e os conhecimentos que a Ciência acumulou e que a Tecnologia nos propicia.

> "Há mais o que aprender na floresta do que nos livros. Há mais sabedoria numa árvore do que num livro."

Parece que o velho mestre, mercê daquela mediunidade sutil, já interpretava o sentido que a árvore e a floresta representariam para o homem no contexto do século XX.

Segue-se a citação de James Joyce:

> "A guerra está nas florestas. A floresta é o mundo."

Outra expressão sapientíssima:

> "A guerra está na floresta, a luta está na floresta."

A preservação do homem ou o seu extermínio está na floresta, dependendo de preserva-la, extingui-la ou devastá-la. A luta e a guerra vão se circunscrever exatamente em torno dessa grande decisão.

Compreenderá o homem o significado da floresta? Entenderá o homem, nessa corrida desabalada e desenfreada

para uma afirmação que nem ele sabe qual é. Qual será a afirmação do homem nesse atropelar em busca e no aperfeiçoamento de uma tecnologia que chegue à desintegração do átomo, que chegue à perturbação daquilo que a consciência cósmica arrumou e que só ela, como a sua sabedoria poderá manipular? Porque o homem, talvez desastrosamente, como uma criança com um brinquedo explosivo nas mãos detone o brinquedo que lhe causará o extermínio.

James Joyce, um outro profeta, o decantado autor do Ulysses, o artista, o literato, mais uma vez se confirma aquela afirmação de que o artista, lidando com os arquétipos encontra verdades que só os séculos e milênios depois confirmam.

James Joyce nos adverte para essa luta que há de se travar dentro da floresta, no entendimento da floresta, na compreensão da floresta. Se o homem não souber entender essa mensagem, talvez esteja aí o fulcro, o nó górdio da nossa civilização. Talvez esteja no entendimento dessa mensagem sutil, enviada pelo Padre Antonio Vieira, há 300 anos, e por James Joyce há bem pouco tempo.

O Sr. Leite Chaves — V. Exª me permite um aparte?

O SR. EVANDRO CARREIRA — Com muita honra, nobre Senador Leite Chaves.

O Sr. Leite Chaves — O discurso de V. Exª parece-me de toda oportunidade. Na semana passada, a reportagem relevante do *Time*, esse magazine americano, é sobre o crescimento dos desertos no mundo e, inclusive, traz um mapa das regiões do mundo onde o deserto está se alas-

trando. Através de uma reportagem feita por ecólogos da maior importância as advertências são feitas no mesmo diapasão com que V. Exª está fazendo esse discurso e inclusive, aqui no Nordeste do Brasil — não sei se no Rio Grande do Norte ou entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, mas em uma daquelas regiões — é assinalada no mapa uma cunha através da qual o deserto está penetrando no País. Hoje, vejo no *Jornal do Brasil* uma entrevista dada por um ecologista brasileiro, que volta de um simpósio internacional, onde ele chama a atenção do seu País e do seu Governo para a grande possibilidade de o Oeste mato-grossense — uma parte Oeste do País — ser possível de entrar nessa fase desértica irremissível. Nessa reportagem do *Time*, eu bem me lembro, são das regras de defesa, não só daqueles desertos que são recuperáveis, como daquelas regiões que se estão tornando irremediavelmente desérticas. São tão importantes as regras a serem utilizadas nesse campo, que até mesmo tipo de criação animal deve, em determinados lugares, ser evitada, dependendo do tipo do animal — o caprino, por exemplo — que é uma fonte a propiciar o deserto, e até mesmo medidas cautelares a evitá-lo. Veja V. Exª, a Amazônia, como V. Exª tem anunciado constantemente, está sendo usada contrariamente à sua vocação, e mais do que isso: depredada. Incêndios enormes estão ocorrendo. Lembro-me de que num dos primeiros discursos de V. Exª, eu dava aparte denunciando aqui, pela primeira vez, aquele incêndio feito pela Volkswagen.

O SR. EVANDRO CARREIRA — Exatamente.

O Sr. Leite Chaves — E a despeito dessas promessas de determinados órgãos de remediar o mal, asseguro a

V. Exª que nada de racional está sendo feito. Na verdade o homem está violentando a Amazônia. É um crime o que se faz com o nosso patrimônio, no que diz respeito aos grandes incêndios em que os maiores arsenais de madeira do mundo estão sendo destruídos e depois, para colocar na terra desnuda, culturas que são incompatíveis com a vocação ou com a rentabilidade. E assim se estão abrindo clareiras para futuros desertos, quando poderíamos racionalmente evitá-los e explorar aquela região de maneira mais conveniente, com a vocação, com sua determinação e com os interesses do Brasil. Queria por último ressaltar, Senador Evandro Carreira, o seguinte: Noto que os Anais do Senado registram fatos que, de geração em geração, ficam sendo objeto de consulta. Mesmo aqui, quando vamos fazer um discurso sobre uma matéria a ele recorremos.

E como é admirável lembrar ou constatar pronunciamentos feitos há mais de cinqüenta anos atrás que têm toda atualidade, ou outros, que valem como advertência. V. Ex.ª é um homem confinado à sua luta e daqui a muitos anos, talvez, de todos esses pronunciamentos de valor feitos no Senado, permaneçam os de V. Ex.ª que está trabalhando dentro de uma tese científica e social na defesa da Amazônia e quando neste instante em que começamos a penetrá-la e de forma desordenada. V. Ex.ª está cumprindo honradamente seu mandato. E daqui a muitos anos — tenho certeza que dentre as páginas admiráveis que saírem do Senado ou que ficarem presentes — estarão as que V. Ex.ª tem produzido. Agradecido pelo aparte e mais uma vez congratulações pelo assunto que está enfocando.

O SR. EVANDRO CARREIRA — Nobre Senador Leite Chaves, V. Exª com a contribuição que trouxe, haurida no *Time*, arrima o meu discurso e, ao mesmo tempo, me estimula, com a sua palavra incentivadora, a prosseguir nesta pesquisa e nesses estudos diuturnos, em torno do recado de que fui incumbido de trzer para aqui pelo meu povo — o recado amazônico. Agradeço, penhorado, nobre Senador Leite Chaves, e asseguro a V. Exª que a sua cultura polimórfica, a sua dedicação a uma leitura constante, o informa a ponto de me abastonar. Muito obrigado, nobre Senador Leite Chaves.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, o nobre Senador Leite Chaves fez uma afirmação que merece maior discussão, maior debate. Talvez encerre a mensagem que nós pretendemos difundir nesta Casa, os contornos, a configuração daquele modelo tão procurado, tão desejado por todos nós, para pôr em equação essas duas incógnitas terríveis, que nos desafiam e nos ameaçam devorar: "O Indivíduo e o Estado". Talvez, na mensagem ecológica, no seu entendimento, na compreensão desse amor à natureza, no retorno ao campo, no descongestionamento das grandes urbes, das megalópoles, encontremos aí um modelo para estabelecer a equação "O Indivíduo e o Estado".

Mas, Sr. Presidente e Srs. Senadores, prosseguimos lendo a contribuição do *Correio Braziliense* ao "Dia da Árvore":

> "Enchentes e secas são apenas duas respostas das mais drásticas que a natureza apresenta ao desmatamento."

E é uma verdade inconteste, Sr. Presidente e Srs. Senadores: as secas e as enchentes são uma resposta que a natureza dá à devastação das florestas e ao assoreamento, à poluição e à destruição dos rios. Não há outra verdade No Recife, no nosso belo Recife, por exemplo, as suas inundações decorrem de que? Decorrem do fato de se ter instalado uma cidade no delta, na desembocadura, na foz de um rio, e se aterrarem os seus desaguadouros, os mangues. O rio, comprimido, quando enche, sob o impacto de fortes chuvas, é detido, e transborda, inunda. A cidade foi construída ali, erroneamente, por uma questão de economia, não obedecendo aos ditames ecológicos. Não deveria ter sido levantada no delta do rio — foi, porque era mais fácil, mais barato, mas não era racional, tanto que, até hoje. sofre as conseqüências disso.

A natureza foi arrumada por um cientista, cuja sabedoria nós ainda teremos que trabalhar muito para alcançá-la. Essa sabedoria tem raízes naquela grande procura da primeira causa, e se nós, neste humilde e miserrimo planeta, não tivermos entendimentos, compreensão, para entender essa mensagem ecológica, nós nos autodestruiremos, e jamais alcançaremos esse encontro com o absoluto, com essa supersabedoria, que arrumou a árvore, que organizou a fotossíntese, que estabeleceu a fecundação das plantas através das flores. São segredos que escapam ao conhecimento do homem, que em sua desenfreada ambição, pretende modificar aquilo que foi conseguido através de milhões e milhões de anos.

Sr. Presidente, pretendo ler um trabalho, para que fique inserto nos Anais desta Casa, e que tem por objetivo conscientizar todos nós e a Nação, sobre o perigo que

bordejamos. Foi publicado no Jornal *Cinco de Março*, de Goiânia, no dia 29 de agosto de 1977. Diz:

"VENENO DA GUERRA DO VIETNAM
NAS PASTAGENS DE GOIÁS

O mesmo veneno usado pela aviação dos Estados Unidos durante a guerra do Vietnam, para desvastar as florestas e plantações daquele país, está sendo empregado, hoje, de maneira semelhante, nas pastagens do Estado de Goiás. Sob a forma de vários produtos diferentes, como Tordon, Tributon, Tormona, Planuton Ar-2 etc., todos contendo substâncias do grupo químico da dioxina, substância responsável pelos efeitos terrificantes do conhecido "agente laranja", esse veneno é espalhado pelas vegetações do Centro-Oeste, com a finalidade de abrir fazendas e limpar pastos."

Sr. Presidente e Srs. Senadores, avaliemos o perigo que isto representa para todos nós, em termos de envenenamento por uma reação dentro da cadeia alimentar, pois os animais se nutrem desse pasto, que foi protegido pelo defensivo pelo herbicida, com base na dioxina, o mesmo veneno que destruiu Seveso, aquela cidade italiana, e que hoje apavora o mundo inteiro. O Japão luta desesperadamente contra o tal progresso, o Japão, nação que se diz com alto índice de desenvolvimento. Pois, hoje, os seus maiores desejam retornar ao século XVII, evitar a corrida desabalada que encetaram, a ponto de, atualmente, naquele país, terem crescidos os casos de leucemia, do câncer de todas as formas, das intoxicações de todas as naturezas, e se observado, inclusive, nascimentos teratológicos, verda-

deiras abominações, crianças que nascem sem ouvidos, sem olhos, sem braços, tudo resultado dessa poluição degradante, que nós aceitamos, porque achamos que é progresso, **porque vai propiciar emprego.**

Aqui em Goiás — é um jornal de Goiânia que denuncia — os pastos estão impregnados dessa substância deletéria, que, assimilada pelo animal, irá ao homem, provocando-lhe perturbações, que nem sempre ele sente na sua geração. São insultos que a substância vai provocar no gene, nos caracteres hereditários, e as aberrações surgirão, talvez, daqui a 100, 200, 300 anos.

Prossigo, Sr. Presidente:

> "Enquanto em Goiás, como de resto em todo o país, com exceção do Estado de São Paulo, os herbicidas contendo dioxina são empregados sem restrições, inclusive com propagandas na televisão, rádio e jornais, como acontece com o Tordon e o Treflan, o navio fornalha "Vuicanus", de bandeira americana acaba de incinerar, num ponto isolado do Oceano Pacífico, 3,2 milhões de litros do fulminante "agente laranja", que representavam uma parcela de 10,5 milhões de litros sobrados da guerra do Vietnam."

Tendo sobrado, Srs. Senadores, 10 milhões e meio de litros do agente laranja, com base na dioxina, dos quais foram incinerados apenas 3 milhões e 200 mil litros — o resto foi industrializado e vendido para os países macaqueadores, para os países copistas, para os países que estão neste afã de atingir o desenvolvimento dos superdesenvolvidos, pensando que os alcançam através de um processo que representa a sua autodestruição.

Prossigo, lendo o jornal goiano:

"VENENO DE GUERRA

O "agente laranja" foi usado pelos americanos como desfolhante, durante a guerra do Vietnam, para destruir os esconderijos e minar a economia dos vietnamitas. O veneno é o resultado da mistura, em partes iguais, dos ácidos 2,4-D e 2,4,5-T, produzidos pelas empresas Dow Chemical e Monsanto que possuem filiais no Brasil, sendo denominado genericamente de dioxina, a cujo grupo de substâncias pertencem os dois ácidos.

Essa substância, dioxina ou TCDD, que os fabricantes de herbicidas afirmam ser utilizada num teor de até 0,1 mg/kg (25 vezes menos que no "agente laranja"), mesmo em doses diminutas, de algumas centenas de partes por bilhão, se revelou capaz de matar animais de laboratórios e deformar seus filhotes."

Vejam bem, Srs. Senadores, o agente laranja reduzido a um quarto da sua eficácia ainda possui o poder de "matar animais de laboratórios e deformar os filhotes"; e é nesta proporção que eles são usados na fabricação de todos aquele elenco de herbicidas que o jornal cita no seu cabeçalho.

"O emprego do "agente laranja" pelas forças americanas do Vietnam provocou um escândalo público que começou a configurar-se em meados de 1969, quando os jornais de Saigon denunciaram a ocorrência de uma epidemia de nascimentos de crianças

mortas ou deformadas nas áreas em que havia sido pulverizado o veneno.

Argumentando que a denúncia carecia de fundamento técnico-científico, o Pentágono contestou de início os efeitos do "agente laranja", mas, no entanto, três meses depois um estudo secreto do governo americano mostrava que realmente o agente possuía ação teratogênica (que faz nascer monstros), além de provocar câncer no fígado e abortos constantes. Apesar de um relatório de técnicos da Academia de Ciências dos Estados Unidos afirmar que o emprego do "agente laranja" no Vietnam não tenha provocado a destruição total das florestas vietnamitas, pesquisadores daquele país calculam que somente no final do século XXI suas florestas tropicais se recuperarão plenamente."

Portanto, daqui a mais de Í00 anos, Sr. Presidente.

"Depois de vários protestos e pressões, o governo americano excluiu o "agente laranja" de seu arsenal, mas, como já possuía estocados milhares de tambores de aço de cor alaranjada (de onde surgiu o apelido de "agente laranja") contendo o veneno, ficou a Força Aérea com o problema do que fazer com os 10,5 milhões de litros que não pôde usar e que com o tempo estavam sujeitos à corrosão e ao vazamento. Como nenhum Estado americano permitiu que o veneno fosse depositado em seu território, ele foi armazenado em certa ilha americana no Pacífico e agora parte dele é incinerado em alto mar."

Prestem atenção, Srs. Senadores: nenhum Estado dos Estados Unidos da América permitiu sequer nele se depositassem os tambores do agente laranja. Mas o Brasil e outros países, naquela corrida desenfreada para o desenvolvimento e para alcançarem superpotências se sujeitam a borrifar, a aspergir as suas plantações, as suas pastagens, de herbicida com base na dioxina.

"Sem emprego para o veneno ainda não utilizado na guerra, permaneceu o problema de aproveitar ou destruir (e de como fazê-lo) a substância altamente tóxica, formada pela combinação dos ácidos. Assim, em certo momento uma empresa não revelada (presumivelmente a própria Dow Chemical) aventou a possibilidade de depurar a dioxina do "agente laranja" para vendê-la no comércio, com alguma aplicação; contudo as dificuldades técnico-científicas e os altos riscos humanos inerentes à reindustrialização da substância venenosa desanimaram a empresa.

Pela mesma época, o Instituto de Pesquisas IRI, de Matão, no Estado de São Paulo, que possui ligações com o grupo Rockfeller, sugeriu que o Brasil e outros países latino-americanos adquirissem o excedente de "agente laranja", para ser empregado no controle de ervas daninhas e arbustos nocivos às pastagens. Na mesma época, um grupo de trabalho da Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos desaconselhou e desaprovou a iniciativa do Instituto. No entanto, supõe-se que de fato alguns milhares de litros excedentes do herbicida tenham sido vendidos a países da América Latina, uma vez que

somente 3,2 milhões de litros, dos 10,5 milhões, foram incinerados.

Uma forte ironia é vista pelos defensores do meio ambiente ao observarem que, enquanto o governo dos Estados Unidos incinera 3,2 milhões de litros de veneno, grandes quantidades isoladas de veneno, grandes quantidades isoladas dos ácidos 2,4-D, e principalmente do 2,4,5-T, são pulverizadas em milhões de hectares de vegetações da América Latina, no combate a plantas indesejáveis, em florestas e em lavouras de alimentos vitais, como o arroz, milho, etc.

O fato mais agravante no uso desses herbicidas é que não possuímos nenhum laboratório ou órgão que faça uma fiscalização ou análise dos efeitos do emprego da mistura. O médico Waldemar Ferreira Almeida, Diretor da Divisão de Biologia Animal do Instituto Biológico de São Paulo, afirma que "no Brasil não está sendo analisado nenhum dos produtos que apresentam resíduos de dioxina, porque os pesquisadores não consideram nossos laboratórios suficientemente seguros para evitar o risco pessoal de contaminação".

Sr. Presidente e Srs. Senadores, os próprios pesquisadores, os analistas têm medo até de manipular, de analisar a substância, tal o seu grau de toxidez.

"Só nos Países Subdesenvolvidos

Apesar de vários cientistas reconhecerem que serão necessárias repetidas análises e inúmeras observações para que se possa valiar os reais efeitos da

dioxina sobre o organismo humano, os países mais desenvolvidos não permitem o uso ou possuem uma legislação rigorosa sobre a aplicação dos derivados contendo dioxina. Assim, somente nos países subdesenvolvidos a utilização desses produtos é indiscriminada, para fins agrícolas ou não, como acontece no Brasil, onde a todo momento se ouve e vê falar nas "virtudes" dos mata-matos. Dos mais utilizados na agricultura brasileira, destacam-se o Treflan, o Tordon 101 (que, registrado em 34 países, somente seis ou sete são considerados desenvolvidos, sendo que nos Estados Unidos seu uso só é permitido em áreas não agrícolas, em desmatamento de vias férreas ou de estradas de rodagem). Outro produto largamente utilizado na agricultura brasileira é o Treflan, que possui propriedades semelhantes ao outro tipo de Tordon (o 155, destinado a matar qualquer vegetal de folhas largas). Da mesma maneira que o 101, o Tordon 155 está registrado em vários países, mas somente os Estados Unidos e o Canadá restringem seu uso em estradas, sendo os únicos a proibi-lo para qualquer fim agrícola. Enquanto isto, no Brasil, o uso desses três produtos se estende cada vez mais, desde os Estados do Sul até à floresta amazônica, sendo que em Mato Grosso, Goiás e Pará está-se constituindo no mais forte elemento "abridor de fazendas".

Os efeitos nocivos causados por referidos herbicidas no Estado de São Paulo levaram o Governador Paulo Egídio Martins a assinar, no mês passado, decreto proibindo em todo o Estado a utilização de oito defensivos agrícolas à base de substâncias do grupo

química da dioxina, sendo eles: Tordon 155, Tributon 70%, Tributon 60%, Tributon 720 g/1, Tributon D, Banvel 2,4,5-T, Tormona 100 e Planuton Ar-2, demonstrando assim que a utilização em larga escala, como estava sendo feita em São Paulo, provocava efeitos nocivos à coletividade.

Crescente uso em Goiás

Enquanto os países desenvolvidos proíbem ou restringem o uso desses herbicidas de alta periculosidade à vida humana, e até o Estado mais desenvolvido do Brasil se preocupa em não permitir sua utilização, em Goiás aumenta cada vez mais o emprego de tais produtos, que nos últimos nove anos cresceu cerca de 15 vezes. O Tordon 101 e o Tordon 155, distribuídos no território goiano pela firma Agroquima, são os mais conhecidos dos fazendeiros, que, sem qualquer conhecimento do risco e da nocividade que eles representam, fazem dos mesmos uso indiscriminado em todo o Estado.

A situação crescente do comércio de herbicidas em Goiás, juntamente com o desconhecimento e a falta da preocupação dos órgãos públicos pelo problema, faz surgir uma perspectiva desalentadora para os próximos anos, pois suspeita-se que a dioxina está lentamente contaminando a cadeia alimentar de todo o planeta. Cientistas da Universidade de Harvard encontraram traços desse veneno na carne bovina, de animais que pastaram em campos contaminados pela pulverização da substância, e também no leite das mães que vivem em áreas onde costumeiramente o ácido 2,4,5-T é empregado.

A falta de controle e de fiscalização do uso desses herbicidas ficou patente, em Goiás, ao se constatar que em nenhum dos órgãos supostamente encarregados de defender o meio ambiente nada se conhece sobre o assunto. Assim é que Leolídio Caiado, Superintendente da Secretaria Estadual do Meio Ambiente — SEMA, afirma que aquele órgão não prevê nenhuma proibição ou controle no uso de tais herbicidas no Estado, sendo que até o momento a SEMA não tomou conhecimento de nenhum risco provocado pelo uso dos mesmos. Argumenta, no entanto, que aquela repartição sempre se preocupa em fazer campanhas de esclarecimento entre os fazendeiros, discutindo e explicando os efeitos dos defensivos agrícolas por eles utilizados.

Saulo Dourado, técnico da SEMA, por outro lado, afirma que, para se determinar exatamente os efeitos da composição de um produto, é necessário fazer uma análise rigorosa. E até o momento o Estado de Goiás não possui condições para análises desse tipo, devido à inexistência de laboratórios preparados e ao alto preço da aparelhagem adequada. Entretanto, como a SEMA dispende quantias enormes com análises (recentemente pagou-se 50 mil cruzeiros por nove análises), já foi feito o pedido para a aquisição e instalação de aparelhagem que possibilite as pesquisas exigidas.

Outro órgão que deveria fiscalizar e preocupar-se com a utilização, em larga escala, de substâncias consideradas tóxicas no meio ambiente, a SODERNA (Sociedade de Defesa dos Recursos Naturais), da

mesma maneira que a SEMA, nada conhece a respeito da utilização ou dos riscos daqueles herbicidas nas pastagens do Estado de Goiás. Dessa maneira, fica o problema entregue à consciência dos comerciantes e vendedores, ou de uns poucos esclarecidos fazendeiros que não pensam exclusivamente nas facilidades oferecidas por produtos tão perigosos, pelo menos até que medidas governamentais regulamentem a utilização dos mesmos."

Sr. Presidente e Srs. Senadores, é interessante a nossa estultice. Achamos que só é veneno, só é prejudicial aquilo que, ingerido pelo animal ou pelo ser humano, o prostra, o mata de imediato, de estalo. Ele não acredita, não admite que há um metabolismo, que todo organismo, todo animal tem uma fisiologia, tem um metabolismo. Há substâncias que, ao entrar nos organismos do animal e do homem, vão produzir efeitos daí a cinco, seis, dez anos e, às vezes, na outra geração, na sua descendência. Isto que é preciso entender. E partem para a solução imediatista. Qual a solução imediatista? É aspergir o herbicida, para se proteger da praga e, com isso, ter pasto abundante, engordar o animal e fazer mais dinheiro para construir mais arranha-céus, para cada vez mais se enlatar nas megalópoles.

Não entende o ser humano que temos defesas orgânicas e biológicas que importam pesquisa e estudo. Dir-se-á, e como proteger as pastagens? E como proteger a agricultura, sem o herbicida, sem o defensivo? Simplesmente descobrindo outros organismos que são antípodas daqueles que causam prejuízo às pastagens e às culturas agrícolas. Nada mais. É problema simples. O próprio agricultor, o próprio homem que amaina a terra conhece esses

segredos. Ele sabe que o besouro *y* devora a lagarta *x* que corta a folha. Basta apenas o pseudotécnico, aquele que sai de diplomazinho na mão da Faculdade de Agronomia, das Faculdades técnicas e que se acha sumo pontífice em assuntos agrícolas; bastava que ele aprendesse aquele empirismo do agricultor, e que, com a sua cultura de laboratório, com os recursos da tecnologia, com o aparato do microscópio, das ampulhetas, das provetas, dos termômetros, buscasse uma solução, mas dentro daquela que a natureza dita, que a natureza já arrumou, que a natureza já aclimatou, já preparou.

O Sr. Leite Chaves — Permite V. Exª um aparte?

O SR. EVANDRO CARREIRA — Com muito prazer, nobre Senador Leite Chaves.

O Sr. Leite Chaves — O exemplo de V. Exª, no que diz respeito ao controle de pragas por meios biológicos, é tão palpável, que me faz lembrar de um fato ocorrido, há anos atrás, no Nordeste. Houve uma época em que os Estados Unidos resolveram comprar couro de um determinado tipo de batráquio, o sapo. Então, assistiu-se a uma caçada invulgar aos sapos, no Nordeste. Houve quase que dizimação. Pouco tempo depois, começaram a aparecer as maiores pragas de gafanhotos e de insetos. Constatou-se, ainda, que isso adveio desse extermínio, quase que total, dos sapos. Muitos anos após restabeleceu-se o equilíbrio, porque, tendo havido desinteresse pela compra de couros de sapos, eles não foram mais dizimados, a fauna se reconstituiu, não aparecendo mais aquelas ondas impressionantes de gafanhotos, aquelas nuvens que ousavam ocorrer na época do decesso da fauna dos batráquios. V. Exª está falando coisas lógicas, não é verdade? Coisas

mesma maneira que a SEMA, nada conhece a respeito da utilização ou dos riscos daqueles herbicidas nas pastagens do Estado de Goiás. Dessa maneira, fica o problema entregue à consciência dos comerciantes e vendedores, ou de uns poucos esclarecidos fazendeiros que não pensam exclusivamente nas facilidades oferecidas por produtos tão perigosos, pelo menos até que medidas governamentais regulamentem a utilização dos mesmos."

Sr. Presidente e Srs. Senadores, é interessante a nossa estultice. Achamos que só é veneno, só é prejudicial aquilo que, ingerido pelo animal ou pelo ser humano, o prostra, o mata de imediato, de estalo. Ele não acredita, não admite que há um metabolismo, que todo organismo, todo animal tem uma fisiologia, tem um metabolismo. Há substâncias que, ao entrar nos organismos do animal e do homem, vão produzir efeitos daí a cinco, seis, dez anos e, às vezes, na outra geração, na sua descendência. Isto que é preciso entender. E partem para a solução imediatista. Qual a solução imediatista? É aspergir o herbicida, para se proteger da praga e, com isso, ter pasto abundante, engordar o animal e fazer mais dinheiro para construir mais arranhacéus, para cada vez mais se enlatar nas megalópoles.

Não entende o ser humano que temos defesas orgânicas e biológicas que importam pesquisa e estudo. Dir-se-á, e como proteger as pastagens? E como proteger a agricultura, sem o herbicida, sem o defensivo? Simplesmente descobrindo outros organismos que são antípodas daqueles que causam prejuízo às pastagens e às culturas agrícolas. Nada mais. É problema simples. O próprio agricultor, o próprio homem que amaina a terra conhece esses

segredos. Ele sabe que o besouro *y* devora a lagarta *x* que corta a folha. Basta apenas o pseudotécnico, aquele que sai de diplomazinho na mão da Faculdade de Agronomia, das Faculdades técnicas e que se acha sumo pontífice em assuntos agrícolas; bastava que ele aprendesse aquele empirismo do agricultor, e que, com a sua cultura de laboratório, com os recursos da tecnologia, com o aparato do microscópio, das ampulhetas, das provetas, dos termômetros, buscasse uma solução, mas dentro daquela que a natureza dita, que a natureza já arrumou, que a natureza já aclimatou, já preparou.

O Sr. Leite Chaves — Permite V. Exª um aparte?

O SR. EVANDRO CARREIRA — Com muito prazer, nobre Senador Leite Chaves.

O Sr. Leite Chaves — O exemplo de V. Exª, no que diz respeito ao controle de pragas por meios biológicos, é tão palpável, que me faz lembrar de um fato ocorrido, há anos atrás, no Nordeste. Houve uma época em que os Estados Unidos resolveram comprar couro de um determinado tipo de batráquio, o sapo. Então, assistiu-se a uma caçada invulgar aos sapos, no Nordeste. Houve quase que dizimação. Pouco tempo depois, começaram a aparecer as maiores pragas de gafanhotos e de insetos. Constatou-se, ainda, que isso adveio desse extermínio, quase que total, dos sapos. Muitos anos após restabeleceu-se o equilíbrio, porque, tendo havido desinteresse pela compra de couros de sapos, eles não foram mais dizimados, a fauna se reconstituiu, não aparecendo mais aquelas ondas impressionantes de gafanhotos, aquelas nuvens que ousavam ocorrer na época do decesso da fauna dos batráquios. V. Exª está falando coisas lógicas, não é verdade? Coisas

extremamente lógicas, de que o interesse humano deixou de se aperceber, porque é mais interessante hoje o inseticida e o adubo, que proporcionam lucros extraordinários, a ponto de V. Exª ter visto essas próprias multinacionais que vendem inseticidas inculcarem em determinados setores do Governo, que a grande fonte para o petróleo é o aguapé. Isso para que os nossos rios e represas fossem invadidos de aguapé, e, eternamente, eles tivessem um manancial para a aplicação desses herbicidas, sabido como aguapé não dá petróleo algum e é um verdadeiro desastre para as águas frescas.

O SR. EVANDRO CARREIRA — Exatamente, Senador Leite Chaves. Agradeço o aparte de V. Exª, colaborando com esse exemplo tão claro, tão comum. E isto é, nada mais nada menos, nobre Senador, do que uma representação em miniatura do que chamamos a cadeia alimentar do planeta. Temos que compreender que este planeta em que habitamos e que muita gente não sabe nem que o habita — porque pensa que está sentado no universo e não no planeta Terra, que é uma misérrima migalha perdida no macrocosmos — isto é, nada mais nada menos, do que uma nave espacial. O planeta Terra é uma nave espacial, onde, por um milagre mercê dessa consciência cósmica que não encontramos ainda, nem desvendamos, a vida aconteceu, a vida se arrumou, a vida explodiu. Este milagre! Mas este milagre acontece mercê de toda essa arrumação, de todo esse debrum, de todos esses refolhos que constituem as florestas: os rios; os mares; as chuvas; tudo isto se integra numa unidade, que é o que nós chamamos o ecossistema planetário. O rompimento de um elo desta cadeia pode provocar o rompimento dos outros elos. Enquanto o homem estiver rom-

pendo elos insignificantes e que ele possa corrigi-los, está tudo muito bem. **MAS, NO DIA QUE O HOMEM ROMPER UM ELO ESPESSO DA VERDADEIRA E GRANDE CADEIA DE SUSTENTAÇÃO DA VIDA DO PLANETA TERRA, NÓS SEREMOS DIZIMADOS. E UM DOS GRANDES ELOS DESTA IMENSA CORRENTE É A AMAZÔNIA.** E é por isto que precisamos, desde já, tomar uma providência enérgica, no sentido de preservar a Amazônia, de evitar o desmatamento da Amazônia. De imediato!

Lembro-me, na oportunidade, que o Senador Adalberto Sena, este ilustre colega que pontifica no Senado, já em 1972 alertava para os projetos agropecuários que a SUDAM começava a debulhar, numa velocidade meteórica. E digo aos Senhores que só o BASA — Banco da Amazônia S/A — já gastou este ano cerca de dezenove milhões de cruzeiros só com exposições agropecuárias, exibindo zebus e vacas em vitrinas de luxo.

O Sr. Mauro Benevides — Permite V. Exª um aparte?

O SR. EVANDRO CARREIRA — Ouço o Senador Mauro Benevides com muita honra.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Evandro Carreira, V. Exª se reporta, agora, a pronunciamento anterior do eminente Senador Adalberto Sena, a respeito da devastação das florestas amazônicas. Permito-me lembrar a V. Exª, neste instante, uma fase mais recuada de nossa história parlamentar, na qual se erguia uma outra voz, a de um cearense ilustre, também contra a devastação de florestas o que já ocorria no País, inclusive no Nordeste brasileiro. Refiro-me ao Senador Thomas Pompeu de Souza Brasil, cujo centenário de morte esta Casa comemorou, no último dia oito de setembro. Pois bem,

no ano de 1865, com uma visão e uma acuidade extraordinárias, o Padre Senador Thomas Pompeu de Souza ocupava a tribuna do Senado e chamava a atenção dos seus pares para aquilo que considerava um erro palmar contra a ecologia do nosso País. Relembro neste instante aquele acontecimento inserto nos fastos de nossa história parlamentar para que V. Exª veja que nós, políticos, temos, realmente, sensibilidade, para mostrar aos governos os erros que estão sendo perpetrados. Agora V. Exª sequencia esses pronunciamentos com o brilho, a cultura e a segurança de argumentos verdadeiramente irrespondíveis.

O SR. EVANDRO CARREIRA — Nobre Senador Mauro Benevides, V. Exª pôs o meu discurso numa moldura, ao trazer esta informação de que, já nos idos de 1865, o ilustre Senador Pompeu, pelo Ceará, vaticinava o fim desastroso da nossa ecologia com a devastação.

Agradeço, mas faço questão de ler um trecho do jornal que inseriu o protesto do ilustre Senador Adalberto Sena. O jornal *O Diário de S. Paulo,* do dia 11 de outubro de 1972.

> "Em seu discurso, o Senador Adalberto Sena lembra que atualmente a Amazônia já registra casos concretos de devastação, com a Ilha de Marajó tendo a metade de sua área ecológica destruída pelo fogo, enquanto que na zona de Bragança, ainda no Estado do Pará, esses números são mais alarmantes, com 70% da área destruída, em 60 anos de devastação."

Gostaria de, aqui, fazer um adendo para dizer que essa área bragantina foi devastada para que nela se plantasse capim-boi, para criar gado.

Pois bem, no primeiro ano, foi tudo muito bom, no segundo, muito bem; no terceiro, também; no quarto, o impacto pluviométrico lavou, lixiviou o solo, levou aquela camada de nutrientes. E, hoje, a zona bragantina é deserto mesmo! É deserto!

Prossigo lendo o *O Diário de S. Paulo,* com afirmação do nosso ilustre Senador Adalberto Sena:

> "Um outro dado alarmante apontado pelo representante da Oposição: até 1980, só os Projetos Agropecuários já aprovados pela SUDAM, num total de 270, terão destruído 30 milhões de hectares de florestas do sul do Pará e norte de Goiás, sem avaliar-se o que vem ocorrendo na área amazônica de Mato Grosso. O orador acentuou que cerca de 100 mil pessoas vivem, hoje, exclusivamente da derrubada de florestas nessa região."

Sr. Presidente, insiro, no meu discurso, essa contribuição do ilustre Senador Adalberto Sena, já àquela época.

O Sr. Adalberto Sena — Permite V. Exª um aparte?

O SR. EVANDRO CARREIRA — Com muita honra, nobre Senador.

O Sr. Adalberto Sena — V. Exª há de lembrar-se que, perante a nossa Comissão de Agricultura, o paisagista Burle Marx declarou que esse "agente laranja" tinha sido empregado pela Volkswagen, provocando destruição numa vasta área da Amazônia. Ouvi dizer que a Volkswagen desmentiu esse fato, mas, pelos dados que me foram fornecidos sobre esse desmentido, verifiquei que foi um desmentido fraco. E não sei até que ponto é ou não verdadeira essa notícia. Mas, achei verdadeira e vem mais uma vez confirmar o que V. Exª está dizendo, do descaso das nossas

autoridades para com a nossa defesa em relação a esses males destruidores.

O SR. EVANDRO CARREIRA — Muito obrigado, nobre Senador Adalberto Sena.

Sr. Presidente, vou concluir o meu discurso, tentando, mais uma vez, despertar as autoridades de nossa Pátria para a obediência a um elenco de prioridade, dentro de um levantamento, de um estudo que se faça da nossa problemática, tentando uma solução, um encontro, para resolvê-la.

O problema dos defensivos, dos herbicidas, deve ser conduzido para uma pesquisa que substitua esses defensivos químicos, sempre, constantemente sempre, perniciosos ao equilíbrio biológico, ora do solo, da terra onde eles caem, depois de lavados pelas chuvas, ou do desequilíbrio que provocam nos rios e nos lagos, quando levados pela própria chuva para os talvegues.

Nada custaria ao nosso Governo orientar a pesquisa no sentido de descobrir defesas orgânicas, não químicas; outros seres, unicelulares ou pluricelulares, protozoários ou metazoários, mas todos eles que fossem antípodas dos vírus, dos fungos, dos insetos, dos artrópodes etc.... e todos aqueles que são perniciosos às culturas agrícolas.

Importa esse estudo, de imediato, Sr. Presidente, ou nós iremos dentro de pouco tempo, todos envenenados, desfrutar do celebérrimo progresso dos arranha-céus, dos metrôs, da corrida fratricida, dessa autofagia que empolga e engolfa o homem moderno. Muito obrigado.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

5º Caderno

Senador do Amazonas faz defesa da ecologia citando o CINCO DE MARÇO

E ADVERTE:

Ou o Brasil acaba com herbicidas ou morreremos todos envenenados

Brasília (*Do correspondente*) — Em discurso pronunciado no Congresso Nacional, o senador Evandro Carreira (MDB-AM) denunciou a devastação das florestas e pastagens brasileiras, bem como a presença de determinados agentes químicos, principalmente o herbicida com base na dioxina, o mesmo veneno que, segundo o parlamentar, "destruiu Seveso, a cidade italiana, e que hoje apavora o mundo inteiro".

Matéria publicada no jornal *Cinco de Março* no dia 3 a 9 de 1977.

Para enfatizar o perigo a que está exposto o Brasil, Evandro Carreira disse, em determinado trecho de sua oração: "O Japão, por exemplo, nação que se diz desenvolvida, luta desesperadamente com tal tipo de *progresso*. Hoje, os centros maiores desejariam retornar ao século XVII e evitar a corrida desabalada que encetaram. No Japão, a leucemia, o câncer de todas as formas, as intoxicações de todas as naturezas, inclusive nascimentos teratológicos, verdadeiras abominações, crianças que nascem sem ouvidos, sem olhos, sem braços — tudo isso ocorre e é resultado dessa poluição degradante que nós aceitamos porque achamos que é progresso, porque vai dar ou propiciar emprego".

Depois de citar frases do padre Antônio Vieira e do escritor James Joyce ("A guerra está nas florestas. A floresta é o mundo"), o senador amazonense disse: "Pretendo ler um trabalho para que fique inserto nos Anais desta Casa. Um trabalho que tem por objetivo conscientizar a todos nós (e à Nação) em torno do perigo que nós bordejamos. Este trabalho vem no jornal *Cinco de Março*, de Goiânia, edição de 29 de agosto a 4 de setembro de 1977".

Exibindo um exemplar do *Cinco de Março*, o senador Evandro Carreira, que foi aparteado, dentre outros, por

seu colega Leite Chaves, leu e analisou a reportagem publicada por este semanário sob o título *"Veneno da guerra do Vietnam nas pastagens de Goiás."*

GUERRA NA FLORESTA

"Ainda estamos vivendo sob a auréola do dia da Semana da Árvore. Embora ele tenha acontecido no 21 de setembro próximo passado, ainda nos achamos sob o influxo daquele símbolo que a árvore representa", lembrou, inicialmente, o senador Evandro Carreira.

Após citar uma sentença do padre Antônio Vieira — *"Cede-me, como experimentado, que mais havíeis de aprender nos bosques que nos livros"* —, continuou o representante amazonense: "Esta expressão do maior orador que a língua portuguesa já conheceu, o padre Antônio Vieira, cai como uma verdadeira profecia. Ao lê-la e ouvi-la, nós pressentimos o sentido profético nela contido. Mestre Antônio Vieira quis dizer que na floresta há muito mais o que aprender do que nos livros. Vejam Senhores Senadores, estas palavras proferidas há mais de 300 anos que hoje revestem com absoluta propriedade o momento histórico em que vivemos e os conhecimentos que a ciência acumulou e a tecnologia nos propicia. *Há mais o que aprender na floresta do que nos livros. Há mais sabedoria numa árvore do que num livro.* Parece que o velho mestre mercê daquela mediunidade sutil, já interpretava o sentido que a árvore e a floresta representariam para o homem, no contexto do século XX. Segue-se a citação de James Joyce: *"A guerra está nas florestas. A floresta é o mundo"*. Outra expressão sapientíssima: a guerra está na floresta, a luta está na floresta. A preservação do ho-

mem ou o seu extermínio está na floresta, dependendo d preservá-la, extingui-la ou devastá-la. A luta e a guerra vão se circunscrever exatamente em torno dessa grande decisão. Compreenderá o homem o significado da floresta entenderá o homem, nessa corrida disparada e desenfreada, qual será a sua afirmação nesse atropelo da busca e do aperfeiçoamento de uma tecnologia que chegue à desintegração do átomo, que chegue à perturbação daquilo que a consciência cósmica arrumou e que só ela com a sua sabedoria, poderá manipular, porque o homem talvez desastrosamente como uma criança com um brinquedo explosivo nas mãos, detone o brinquedo que será a causa do seu extermínio? James Joyce, um outro profeta, o decantado autor de *Ulisses,* o literato, mais uma vez confirma aquela afirmação de que o artista, lidando com arquétipos, encontra verdades que só os séculos e milênios depois confirmam. Joyce nos adverte para essa luta que há de se travar dentro da floresta, no entendimento da floresta, na compreensão da floresta. Se o homem não souber entender essa mensagem, talvez esteja aí o fulcro, o nó górdio da nossa civilização. Talvez o fulcro esteja na compreensão destas mensagens sutis enviadas pelo padre Antônio Vieira há 300 anos e por James Joyce há bem pouco tempo".

LEITE CITA "TIMES"

A esta altura, o senador Evandro Carreira foi aparteado por seu colega Leite Chaves (MDB-PR), que disse: "O discurso de V. Exª parece-me de toda oportunidade. Na semana passada, a reportagem relevante do *Times,* esse magazine americano, era sobre o crescimento dos desertos no mundo e, inclusive, trazia um mapa das regiões do

mundo onde o deserto está se alastrando. Através de uma abordagem feita por ecólogos da maior importância, as advertências ali contidas coincidem com o teor do discurso que V. Exª pronuncia e, inclusive, aqui no Nordeste do Brasil — não sei se no Rio Grande do Norte ou entre Rio Grande do Norte e o Ceará, mas em uma daquelas regiões — é assinalada no mapa uma cunha através da qual o deserto está penetrando no País. Hoje, vejo no *Jornal do Brasil* uma entrevista concedida por um ecologista brasileiro, que volta de um simpósio internacional. Ele chama a atenção do País e do governo para a grande possibilidade de o oeste mato-grossense — uma parte do Oeste do País — ser possível de entrar nesta fase desértica irremissível. Na reportagem do *Times* — bem me lembro — são dadas regras de defesa não só para aqueles desertos que são recuperáveis, como para aquelas regiões que estão se tornando irremediavelmente desérticas. São tão importantes as regras a serem utilizadas nesse campo, que se especificam até mesmo os tipos de criação animal que devem, em determinados lugares, serem evitados, dependendo do tipo do animal — o caprino, por exemplo, que é uma fonte a propiciar o deserto — e medidas cautelares para evitá-lo. Veja a Amazônia, como V. Exª tem anunciado constantemente. Ela está sendo usada contrariamente à sua vocação. Ela está sendo mais do que isto: depredada. Até incêndios enormes estão ocorrendo. Lembro-me que num dos primeiros discursos de V. Exª, eu dava um aparte em que denunciávamos aqui, pela primeira vez, aquele incêndio feito pela Volkswagen. E, a despeito das promessas de determinados órgãos, de remediar o mal, eu asseguro que nada de racional está sendo feito. Na verdade, o homem está violentando a Amazônia. É um crime o que se faz com o nosso patrimô-

nio, no que diz respeito aos grandes incêndios, nos quais os maiores arsenais de madeira do mundo estão sendo destruídos e, depois, para colocar na terra desnuda culturas que são incompatíveis com vocação e rentabilidade. Assim estão fazendo, estão abrindo clareiras para futuros desertos, quando poderíamos, racionalmente, evitá-los e explorar aquela região de maneira mais conveniente com a sua vocação, com sua determinação e com os interesses do Brasil (...) Daqui a muitos anos, de todos esses pronunciamentos feitos no Senado, permanecerão os de V. Exª, que está trabalhando, dentro de uma tese científica e social, na defesa da Amazônia. V. Exª está cumprindo honradamente seu mandato...".

TRABALHO DO "CINCO DE MARÇO"

Exibindo um exemplar do *Cinco de Março,* disse, a seguir, o Senador pelo Amazonas: "Sr. Presidente! Pretendo ler um trabalho, para que fique inserto nos Anais desta Casa. Trata-se de um trabalho que tem por objetivo conscientizar a todos nós (e à Nação), em torno do perigo que nós bordejamos. Esse trabalho vem no jornal *Cinco de Março,* de Goiânia, edição de 29 de agosto a 4 de setembro de 1977. Nesta reportagem intitulada *"Veneno da Guerra do Vietnam nas pastagens de Goiás",* diz o grande semanário goiano. Vou lê-lo:

"O mesmo veneno usado pela aviação dos Estados Unidos durante a guerra do Vietnam, para devastar as florestas e plantações daquele país está sendo empregado hoje, de maneira semelhante, nas pastagens do Estado de Goiás. Sob a forma de vários produtos diferentes como Tordon, Tributon, Tormona, Planuton, Ar-2, etc., todos

contendo substâncias do grupo químico da dioxina, *substância responsável pelos efeitos terrificantes do conhecido "agente laranja", esse veneno é espalhado pelas vegetações do Centro-Oeste, com a finalidade de abrir fazendas e limpar pastos".*

Sr. Presidente e Srs. Senadores, podemos avaliar o perigo que isto representa para todos nós, em termos de envenenamento por uma reação em cadeia, dentro da cadeia alimentar, pois o animal que se nutre desse pasto, que foi protegido pelo defensivo, pelo herbicida com base na dioxina, engole o mesmo veneno que destruiu Seveso, aquela cidade italiana, o mesmo veneno que hoje apavora o mundo inteiro. O Japão luta desesperadamente com o tal *"progresso"*. O Japão, sim, nação que se diz desenvolvida, de alto índice progressista. Hoje, os centros maiores desejariam retornar ao Século XVII e evitar a corrida desabalada que encetaram a ponto de agora, no Japão, ocorrer a leucemia, o câncer de todas as formas, as intoxicações de todas as naturezas, inclusive nascimentos teratológicos, verdadeiras abominações, como crianças que nascem sem ouvido, sem olhos, sem braços — tudo resultado dessa poluição degradante que nós aceitamos porque achamos que é progresso, porque vai dar emprego, porque vai propiciar emprego. Aqui em Goiás — é um jornal de Goiânia (o *Cinco de Março*) que denuncia —, os pastos estão impregnados dessa substância deletéria... Se assimilada pelo animal ela virá ao homem, provocando perturbações que nem sempre ele sente na sua geração. São insultos que a substância vai provocar no gene, nos caracteres hereditários e as aberrações surgirão. talvez, daqui a 100, 200, 300 anos. Mas prossigo, Sr. Presidente, lendo a importante reportagem do *Cinco de Março*.

"Enquanto em Goiás, como de resto em todo o País, com exceção do Estado de São Paulo, os herbicidas contendo dioxina são empregados sem restrições, inclusive com propagandas na televisão, rádios e jornais, como acontece com o Tordon e o Treflan, o navio fornalha "Vulcanus", de bandeira americana, acaba de incinerar, num ponto isolado do Oceano Pacífico, 3,2 milhões de litros de fulminante "agente laranja", que representavam uma parcela de 10,5 milhões de litros sobrados da guerra do Vietnam".

"Tendo sobrado, Srs. Senadores, 10 milhões e meio de litros do agente laranja, com base na dioxina, foram incinerados apenas 3 milhões e 200 mil litros, o resto foi industrializado e vendido para os países macaqueadores, para os países copistas, para os países que estão neste afã de atingir o desenvolvimento dos superdesenvolvidos, pensando que os alcançam através de um processo que representa a sua própria autodestruição.

Prossigo, lendo o jornal goiano:

VENENO DE GUERRA

O "agente laranja" foi usado pelos americanos como desfolhante, durante a guerra do Vietnam, para destruir os esconderijos e minar a economia dos vietnamitas. O veneno é o resultado de mistura, de partes iguais, dos ácidos 2,4-D e 2,4,5-T, produzidos pelas empregas, Dow Chemical e Monsanto que possuem filiais no Brasil, *sendo denominado genericamente de dioxina, a cujo grupo de substâncias pertencem os dois ácidos.*

Essa substância, dioxina ou TCDD, *que os fabricantes de herbicidas afirmam ser utilizada num teor de até 0,1 mg/kg (25 vezes menor que no "agente laranja"), mesmo em doses diminutas, de algumas centenas de partes por bilhão, se revelou capaz de matar animais de laboratórios e deformar seus filhotes".*

Continuo lendo, Sr. Presidente e Srs. Senadores, o *Cinco de Março*:

"O emprego do "agente laranja" pelas forças americanas no Vietnam provocou um escândalo público que começou a configurar-se em meados de 1969, quando os jornais de Saigon denunciaram a ocorrência de uma epi-

demia de nascimentos de crianças mortas ou deformadas nas áreas em que havia sido pulverizado o veneno.

Argumentando que a denúncia carecia de fundamento técnico-científico, o Pentágono contestou de início os efeitos do "agente laranja", mas, no entanto, três meses depois um estudo secreto do governo americano mostrava que realmente o agente possuía ação teratogênica (que faz nascer monstros), além de provocar câncer no fígado e abortos constantes.

Apesar de um relatório de técnicos da Academia de Ciências dos Estados Unidos afirmar que o emprego do "agente laranja" no Vietnam não tenha provocado a destruição total das florestas vietnamitas, pesquisadores daquele país calculam que somente no final do século XXI suas florestas tropicais se recuperarão plenamente".

Portanto, daqui a mais de 100 anos, Sr. Presidente.

Como nenhum Estado americano permitiu que o veneno fosse depositado em seu território... Prestem atenção, Srs. Senadores: nenhum Estado dos Estados Unidos da América do Norte permitiu sequer que se depositassem os tambores do "agente laranja" em seu território, mas o Brasil e outros países, naquela corrida desenfreada para o desenvolvimento, a fim de alcançar as superpotências, se sujeitam a borrifar, a aspergir as suas plantações, as suas pastagens de herbicidas com base na dioxina. Leio, ainda, o importante jornal goiano:

"Como nenhum Estado americano permitiu que o veneno fosse depositado em seu território, ele foi armaze-

nado em certa ilha americana no Pacífico e agora parte dele é incinerada em alto mar.

DO VIETNAM PARA O BRASIL

Sem emprego para o veneno ainda não utilizado na guerra, permaneceu o problema de aproveitar ou destruir (e de como fazê-lo) a substância altamente tóxica, formada pela combinação dos ácidos. Assim, em certo momento uma empresa não revelada (presumivelmente a própria Dow Chemical) aventou a possibilidade de depurar a dioxina do "agente laranja" para vendê-la no comércio, com alguma aplicação; contudo as dificuldades técnico-científicas e os altos riscos humanos inerentes à reindustrialização da substância venenosa desanimaram a empresa.

Pela mesma época, o Instituto de Pesquisas IRI, de Matão, no Estado de São Paulo, que possui ligações com o grupo Rockfeller, sugeriu que o Brasil e outros países latino-americanos adquirissem o excedente de "agente laranja", para ser empregado no controle de ervas daninhas e arbustos nocivos às pastagens. Na mesma época, um grupo de trabalho da Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos desaconselhou e desaprovou a iniciativa do Instituto. No entanto, supõe-se que de fato alguns milhares de litros excedentes do herbicida tenham sido vendidos a países da América Latina, uma vez que somente 3,2 milhões de litros, dos 10,5 milhões, foram incinerados.

Uma forte ironia é vista pelos defensores do meio ambiente ao observarem que, enquanto o governo dos Esta-

dos Unidos incinera 3,2 milhões de litros de veneno, grandes quantidades isoladas dos ácidos 2,4-D e principalmente do 2,4,5-T, são pulverizadas em milhões de hectares de vegetações da América Latina, no combate a plantas indesejáveis, em florestas e em lavouras de alimentos vitais, como o arroz, milho etc.

O fato mais agravante no uso desses herbicidas é que não possuímos nenhum laboratório ou órgão que faça uma fiscalização ou análise dos efeitos do emprego da mistura. O médico Waldemar Ferreira Almeida, diretor da Divisão de Biologia Animal do Instituto Biológico de São Paulo, afirma que "no Brasil não está sendo analisado nenhum dos produtos que apresentam resíduos de dioxina, porque os pesquisadores não consideram nossos laboratórios suficientemente seguros para evitar o risco pessoal de contaminação".

Sr. Presidente e Srs. Senadores! Os próprios pesquisadores, os analistas têm medo até de manipular e analisar a substância, tal é o seu grau de toxidez. Mas voltemos ao *Cinco de Março*:

SÓ NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

Apesar de vários cientistas reconhecerem que serão necessárias repetidas análises e inúmeras observações para que se possa avaliar os reais efeitos da dioxina sobre o organismo humano, os países mais desenvolvidos não permitem o uso ou possuem uma legislação rigorosa sobre a aplicação dos derivados contendo dioxina. Assim, somente nos países subdesenvolvidos a utilização desses produtos é indiscriminada, para fins agrícolas ou não, como acon-

tece no Brasil, onde a todo momento se ouve e vê falar nas "virtudes" dos mata-ratos. Dos mais utilizados na agricultura brasileira, destacam-se o Treflan, o Tordon 101 (que, registrado em 34 países, somente seis ou sete são considerados desenvolvidos sendo que nos Estados Unidos, seu uso só é permitido em áreas não agrícolas, em desmatamento de vias férreas ou de estradas de rodagem.

Outro produto largamente utilizado na agricultura brasileira é o Treplan, que possui propriedades semelhantes ao outro tipo de Tordon (o 155, destinado a matar *qualquer vegetal de folhas largas). Da mesma maneira que o 101, o Tordon 155 está registrado em vários países, mas somente os Estados Unidos e o Canadá restringem seu uso em estradas, sendo os únicos a proibi-lo para qualquer fim agrícola. Enquanto isto, no Brasil, o uso desses três produtos se estende cada vez mais, desde os Estados do Sul até à floresta amazônica, sendo que em Mato Grosso, Goiás e Pará está se constituindo no mais forte elemento "abridor de fazendas".*

O efeitos nocivos causados por referidos herbicidas no Estado de São Paulo levaram o Governador Paulo Egídio Martins a assinar, no mês passado, decreto proibindo em todo Estado a utilização de oito defensivos agrícolas à base de substâncias do grupo químico da dioxina, sendo eles: Tordon 155, Tributon 70%, Tributon 60%, Tributon 720 g/1, Tributon D, Banvel 2,4,5-T, Tormona 100 e Plenuton Ar-2, demonstrando assim que a utilização em larga escala, como estava sendo feita em São Paulo, provocava efeitos nocivos à coletividade.

CRESCENTE USO EM GOIÁS

Enquanto os países desenvolvidos proíbem ou restringem o uso desses herbicidas de alta periculosidade à vida humana, e até o Estado mais desenvolvido do Brasil se preocupa em não permitir sua utilização, em Goiás aumenta cada vez mais o emprego de tais produtos, que nos últimos nove anos cresceu cerca de 15 vezes. O Tordon 101 e o Tordon 155, distribuídos no território goiano pela firma Agroquima, são os mais conhecidos dos fazendeiros, que, sem qualquer conhecimento do risco e de nocividade que eles representam, fazem dos mesmos uso indiscriminado em todo o Estado.

A situação crescente do comércio de herbicidas em Goiás, juntamente com o desconhecimento e a falta de preocupação dos órgãos públicos pelo problema, faz surgir uma perspectiva desalentadora para os próximos anos, pois suspeita-se que a Dioxina está lentamente contaminando a cadeia alimentar de todo o planeta. Cientistas da Universidade de Harvard encontraram traços desse veneno na carne bovina, de animais que pastaram em campos contaminados pela pulverização da substância, e também no leite das mães que vivem em áreas onde costumeiramente o ácido 2,4,5-T é empregado.

A falta de controle e de fiscalização do uso desses herbicidas ficou patente, em Goiás, ao se constatar que em nenhum dos órgãos supostamente encarregados de defender o meio ambiente nada se conhece sobre o assunto. Assim é que Leolídio Caiado, Superintendente da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, SEMA, afirma que aquele órgão não prevê nenhuma proibição ou controle no uso

de tais herbicidas no Estado, sendo que até o momento o SEMA não tomou conhecimento de nenhum risco provocado pelo uso dos mesmos. Argumenta, no entanto, que aquela repartição sempre se preocupa em fazer campanhas de esclarecimento entre os fazendeiros, discutindo e explicando os efeitos dos defensivos agrícolas por eles utilizados.

Saulo Dourado, técnico da SEMA, por outro lado afirma que, para se determinar exatamente os efeitos da composição de um produto, é necessário fazer uma análise rigorosa. E até o momento o Estado de Goiás não possui condições para análises desse tipo, devido à inexistência de laboratórios preparados e ao alto preço da aparelhagem adequada. Entretanto, como a SEMA despende quantias enormes com análises (recentemente pagou-se 50 mil cruzeiros por nove análises), já foi feito o pedido para a aquisição e instalação de aparelhagem que possibilite as pesquisas exigidas.

Outro órgão que deveria fiscalizar, e preocupar-se com a utilização, em larga escala, de substâncias consideradas tóxicas no meio ambiente, a SODERNA (Sociedade de Defesa dos Recursos Naturais), da mesma maneira que a SEMA, nada conhece a respeito da utilização, ou dos riscos daqueles herbicidas nas pastagens do Estado de Goiás. Dessa maneira, fica o problema entregue à consciência dos comerciantes e vendedores, ou de uns poucos esclarecidos fazendeiros que não pensam exclusivamente nas facilidades oferecidas por produtos tão perigosos, pelo menos até que medidas governamentais regulamentem a utilização dos mesmos.

É interessante, Sr. Presidente e Srs. Senadores, a nossa estultice. Achamos que só é veneno, que só é prejudicial aquilo que, ingerido pelo animal ou pelo ser humano, o prostra, o mata de imediato, de estalo. Ele não acredita, não admite que há um metabolismo, que todo organismo, que todo animal tem uma fisiologia, tem um metabolismo. Há substâncias que, ao entrar no organismo do animal e do homem, vão produzir efeitos daí a 5, 6, 10 anos e, às vezes, na outra geração, na sua descendência. Qual é a solução imediatista? É aspergir o herbicida, para proteger da praga, e, com isto, ter pasto abundante, engordar o animal e fazer mais dinheiro para construir mais arranha-céus, a fim de, cada vez mais, se enlatar na megalópole. Não entende o ser humano que temos defesas orgânicas e biológicas, demandando pesquisas e estudos? Perguntar-se-á: como proteger as pastagens? E como proteger a agricultura sem o herbicida, sem o defensivo? Simplesmente, descobrindo outros organismos que sejam antípodas daqueles que causam prejuízo às pastagens e às culturas agrícolas. Nada mais. É um problema simples: O agricultor, o homem que amaina a terra conhece esses segredos. Ele sabe que o besouro y devora a lagarta x, que corta a folha. Basta apenas que o pseudotécnico, aquele que sai de diplomazinho na mão da Faculdade de Agronomia, das faculdades técnicas, julgando-se sumo-pontífice em assuntos agrícolas — basta que ele aprenda aquele empirismo do agricultor e, com sua cultura de laboratório, com os recursos da tecnologia, com o aparato do microscópio, das ampulhetas, das provetas, dos termômetros, busque uma solução, mas uma solução dentro do que a natureza dita, do que a natureza já arrumou, do que a natureza já aclimatou, já preparou"

APARTES

O Senador Evandro Carreira concedeu, a esta altura de seu discurso, muitos apartes, destacando-se os dos Srs. Mauro Benevides (MDB-CE) e Adalberto Sena (MDB-AC), todos congratulando-se com ele e reforçando, com outros argumentos, sua linha de raciocínio. Durante mais de vinte minutos, o Senador amazonense discorreu sobre o mesmo assunto, para, afinal, concluir: "O problema dos defensivos, dos herbicidas, deve ser conduzido para uma pesquisa: uma pesquisa que substitua esses defensivos químicos sempre, constantemente, pois eles são perniciosos ao equilíbrio biológico. Nada custaria ao nosso Governo orientar a pesquisa no sentido de descobrir defesas orgânicas e não químicas; outros seres unicelulares ou pluricelulares, protozoários ou metazoários, mas todos eles que fossem antípodas dos vírus, dos fungos, dos insetos etc. E todos aqueles que são perniciosos às culturas agrícolas".

Segundo Evandro Carreira, tais estudos e pesquisas devem ser realizados imediatamente "ou iremos" — conforme frisou — "dentro de pouco tempo, todos envenenados, desfrutar o celebérrimo progresso dos arranha-céus, dos metrôs, da corrida fraticida, dessa autofagia que nos empolga e que engolfa o homem moderno". Aí, seria o fim, deixou bem claro o Senador.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM